



Carta à cultura brasileira: notas etnográficas sobre a disciplina “Cultura Brasileira – classe, raça e nação”

Fortaleza, 25 de junho de 2004

Caríssima Cultura Brasileira²,

Vossa Excelência não imagina como andamos a falar de vós em vossa ausência, ou seria melhor dizer, em vossa presença enigmática? Muitos foram os caminhos apontados em vosso nome e também muitas foram as polêmicas surgidas em torno dele. A propósito, devido a mudanças de linguagem ocorridas em vosso território cultural ao longo dos tempos, vos tratarei por “você”. Por favor, cara amiga, não encare isto como excesso de informalidade, mas como uma coerência entre vós, ou melhor entre você e o seu próprio desenvolvimento.

Bem, como estava a lhe falar, seu nome esteve muito presente em nossas discussões em sala de aula. A responsável por isto chama-se Bernadete Beserra, que nos reuniu para estudar/polemizar as interpretações existentes sobre vós. Aceitamos de bom grado tal convite e, sem nos fazermos de rogados, nos enveredamos pelos seus caminhos. E além dos livros e dos falatórios sobre eles, havia vídeos, livros e artigos, de revistas e jornais, que completavam a “confusão”, sem falar na comida que também fornecia energia para a discussão.

- O quê? Você dever estar pensando... Pois é isto mesmo! Tinha até comida na hora de tal encontro. E por esta parte era a Geni a responsável, com suas deliciosas rapaduras do Pará. E além

dela havia: Francinete, sempre fazendo perguntas que pudessem conduzir à construção da paz mundial; Edite, a primeira do grupo em leitura; Selene, “chique no último”, Gilberto, Gorete, Liu, Eliane e outros não tão assíduos que também faziam parte deste cenário, montado para desbravar sua vida e sua história. E eu, claro, estive por lá, sempre atento ao porquê de estarmos discutindo-a com tanta intensidade e de uma forma tão próxima e distante ao mesmo tempo. Tenho que confessar que lhe compreender também nos levou ao nosso próprio auto-conhecimento.

O que surgiu de tais andanças você nem queira saber. Aliás, queira, porque vou lhe contar assim mesmo. Iniciamos em março, ainda sem a presença de todos. No primeiro dia, encontrei Bernadete, no Departamento. Perguntei-lhe sobre o programa da disciplina e ela me falou sobre *Cultura Brasileira: classe, raça e nação*, a partir de reflexões clássicas da Sociologia e da Antropologia. Achei extremamente interessante voltar a falar de você, amiga, pois já havia feito alguns estudos a seu respeito anteriormente. Mesmo assim, fiquei com receio de não acompanhar o volume de leituras sugeridas, mas decidi me arriscar rumo às possíveis inovações desta proposta. De início, todos calados e fascinados ouvindo Bernadete falar de suas experiências de

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará e Mestrando em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

² Agradeço à professora Bernadete Beserra e aos colegas da disciplina “Cultura Brasileira: Classe, Raça e Nação”, do primeiro semestre de 2004, que me inspiraram a escrever estas reflexões que discutem o conteúdo da referida disciplina, mas discutem principalmente a sua dinâmica.

brasileira no exterior. Embora fosse o mais jovem da sala, eu me sentia antigo como um jequitibá, na experiência de minhas observações silenciosas, buscando sempre o momento apropriado para trazê-las à tona, deixando timidamente que tal *iceberg* emergisse. Desde o primeiro momento, senti no grupo uma energia muito boa, também senti que em pouco tempo aquele silêncio daria espaço a muitas dúvidas e interrogações. Motivei-me fortemente às leituras e comecei a fazê-las imediatamente após o primeiro encontro.

Nos encontros que se seguiram o grupo aumentou e os diversos olhares sobre você também. Divergências de conceitos sobre coisas que achávamos óbvias se mostraram muito produtivas. Afinal, *o que é uma nação?* – *Segundo quem?* Pergunta uma voz na mesa e então estava aberta a discussão e é óbvio que a culpa é sua, cara cultura brasileira, que tem um leque amplo demais de opções e respostas. A um consenso não chegamos (ainda bem!), mas Francinete não aceitava que sássemos sem um conceito exato, operacional. *De que servem então tais especulações?* – perguntava ela. Sua inquietação nos fazia pensar a este respeito: de que servem as especulações sem um propósito claro?

A fim de mergulharmos em um oceano ainda maior, iniciamos a leitura de alguns autores que falam de você, sua história... Olhe lá, não vai ficar ofendida! Como não falar de alguém tão importante? Este caminho iniciou pela obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, e a partir daí foi o fim do silêncio de todos e, a partir daí, Bernadete quase não conseguia mais recuperar a palavra, pois todos queriam se expressar. Uma visão das coisas do Brasil, de suas carências e de seus preconceitos históricos – foram algumas das análises feitas. Observamos com bastante atenção as categorias de identidade nacional propostas por Freyre (2002).

Neste ponto as divergências foram grandes, muitos viram em Freyre (Idem) contribuições para se pensar um Brasil que não é feito só de faltas, carências, mas também de riquezas diversas, às vezes contraditórias. Para outros, em Freyre (Idem) estava bem marcada as questões do preconceito étnico e de gênero. Liu, militante do movimento negro, liderou muitas destas críticas explicando que Freyre contribuiu para a reprodução de um imaginário de inferioridade sobre negros e índios, bem como sobre a mulher.

Muitos concordaram com a presença destas categorias, mas as viram como uma proposta de tradução e denúncia, que por ser real não poderia ser negada em sua obra. O pertencimento do autor às classes aristocráticas da época também não foi negado. O grupo em geral admitiu a presença de conseqüências deste pertencimento em sua obra, mas alertou que tal fato não questionava sua grandeza e caráter polêmico e revolucionário. Em torno destas questões e de muitas outras oriundas tanto da obra de Freyre (Idem) como de relatos de nossas experiências, nos detivemos cerca de um mês.

Ao final, Francinete voltou a se inconformar com a inexatidão de nossas conclusões. Gilberto fazia algumas brincadeiras que davam um tom cômico ao dramatismo da coisa. As experiências pessoais transpassavam o ambiente da sala e nos levavam ao seio íntimo da vida de cada um. Pouco a pouco íamos nos conhecendo melhor e através disso descobríamos também outros conceitos de cultura que a literatura estudada não revelava. As horas passavam e as angústias eram grandes, *será que daremos conta do conteúdo destas obras ao final de seu prazo?* Perguntávamos silenciosamente. Muitos confessavam que não conseguiam ler todas as páginas propostas, outros as liam, mas confessavam não compreendê-las. E mais uma vez Francinete indagava: *será que vamos sair daqui sem nenhuma resposta?* Suas inquietações mexiam com o que deixávamos debaixo do tapete. A sua mistura de audácia com ingenuidade nos incomodava; às vezes deixava Bernadete impaciente com a sua dificuldade de compreender os fenômenos em processo, mas, outras vezes, também nos fazia rir.

Em tais idas e vindas, seu nome, cara colega, não era nunca esquecido. *Cultura brasileira*: isto realmente existe? Até esta dúvida surgiu, perdoe-nos. Onde começa e termina o brasileiro? Como se revela em cada um de nós?

- Pelos deuses de todas as religiões, que perguntas fizemos a seu respeito!

E a partir daí é que realmente nos aprofundamos. Muitos foram os relatos de nossos colegas a respeito de suas visitas ao exterior. *O olho do outro nos revela ou nos nega como brasileiro* – era o comentário em sala. Gilberto confessara ter sido o mais árabe dos brasileiros na França. Por suas características biotípicas ele nunca era visto pelos europeus como brasileiro, mas como árabe. *O que é então ser brasileiro?* – indagavam-se todos.

Eu, em silêncio, pensava “acho que não sou muito brasileiro... então o que sou?” Este burburinho rondava o entremeado de conversas que quase não permitiam o andamento das discussões da leitura. E ser nordestino era ainda mais difícil de conceitualizar. Preconceito, diferença e não-identidade tomavam conta da pauta neste momento. *Se não há uma separação entre global e local, então, o que há?* Pensava eu em torno do redemoinho de opiniões. Bernadete confessou que para ela era bem mais difícil sobreviver como nordestina no sudeste que como brasileira nos Estados Unidos. Então, víamos que refletir acerca das fronteiras étnicas e culturais dentro do nosso próprio país fazia-se mister para que entendêssemos nossas relações com o mundo.

Nestas reflexões acerca dos *brasis* entrávamos na discussão de nossa segunda obra: *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. E Buarque viera na hora certa para “jogar lenha na fogueira”. A grande maioria dos presentes estranhou bastante o conceito de cultura e nacionalidade sugerido por esta nova abordagem teórica. *É um modelo baseado na falta, não no reconhecimento do que existe.* Todos polemizavam acerca desta indagação, alguns inclusive com indignação. Um certo caos se instalava, regado aos cafezinhos que Selene e Gorete desciam para buscar na cantina da Gina e dividir com os colegas da sala. Procurávamos pensar o por que de Buarque fundamentar grande parte de seus exemplos na carência do brasileiro. Foi então que me recordo que, enquanto todos discutiam tantas, eu me senti levado para *Roda do Vento*, de Nélida Piñon, lembrei-me das suas personagens conversando sobre cultura. Lembrei-me que em uma conversa com sua tia, os sobrinhos achando que ela desvalorizava o Brasil ao enaltecer sempre as coisas da Europa disseram: “A um país não se ofende, só às pessoas” (PIÑON 1996, p. 17). E a tia respondendo-lhes o porque de tais colocações pejorativas acerca de seu país retrucou:

O Brasil é um país doente que precisa de remédio. Só que para sarar ele precisa de Cultura... e continuava ... cultura não é coisa chata, obrigatória de que se tem que fugir. Cultura é o que estamos fazendo. É contar história, é inventar. É divertir-se. E não se pode inventar sem barriga cheia, sem livros, sem água, sem esgoto, sem teto, sem ler. Se eu não leio o que me resta para inventar? Vou olhar para

vocês como se fora cega. Entenderam? E o pior cego é aquele sem vontade de enxergar, sem amigo e sem bengala... quando começarem a viajar vão descobrir o tamanho do mundo. É maior que o sonho. É um tamanho que não se mede por quilômetros, mas pela imaginação, pela coragem de descobrir as coisas...depois que se tira o passaporte e atravessa as fronteiras, nunca mais a gente tem dono (idem p. 17-18).

Esta viagem me fez pensar em você, cara amiga cultura brasileira, como algo que está próxima de nós, mas que se esconde em um véu tão fino que não podemos apreendê-la ou captá-la. Chegamos, no máximo, a vivê-la.

Com a intensificação das discussões em sala e o acúmulo de páginas para leitura, recebemos a notícia de que Bernadete partiria dentro de duas semanas para os Estados Unidos, participaria de conferências onde discutiria questões semelhantes às que discutíamos em sala de aula. A expectativa gerada sobre as experiências que ela nos traria esquentou nosso último encontro. Nele, todos se envolveram com o assunto como se fossem viajar em seu lugar. A viajante demonstrava certa apreensão e desejo pela viagem e, enfim, partiu. Por duas semanas interrompemos nossos encontros e nossas bocas descansaram um pouco de seu nome, o que não aconteceu com nossas mentes. O grupo aproveitou este período para colocar as leituras em dia e para fichar, notar, riscar e resumir tudo que fosse possível em seu nome.

Na *cantina da Gina* nos encontrávamos no intervalo de outras disciplinas, continuávamos a aprimorar este conceito tão particular de cultura que é o conceito que temos de nós mesmos. Geni sempre passando, perfumada, como se fora uma fonte de bons odores, e Eliane, calmíssima, sempre com a aparência de quem poderia destruir a bomba atômica com um sopro. Mas, ao conversar um pouco com ela, descubro que as coisas não são tão brandas assim.

Escrever sobre este universo, ó cara amiga, é tão ou mais complexo que fazê-lo sobre as obras que estudávamos. Mas, “escrever é guardar um pouco do mundo para nós” e “ler é se apropriar um pouco do mundo de outrem” (LISPECTOR 1996, p. 27). Por isso, não desejo parar, nem posso. Aguarde aí que contarei tudo que aconteceu.

Bem, após este período retomamos os encontros. Bernadete tinha muitas novidades que

nos ajudavam a refletir sobre você. Queríamos saber de todo o acontecido durante a estada da moça em terras estrangeiras. Mas a interrompíamos a cada minuto com experiências de nossas vidas e tópicos de leitura. A este respeito, posso informar-lhe que debatíamos neste período a idéia de homem cordial, proposta por Buarque. Este estudo gerou uma motivação unânime no grupo e veio a calhar com os conflitos que fazíamos entre cultura e cultura brasileira, o que é o brasileiro, afinal? Ou, o que são os brasileiros?

Tais perguntas ferviam em nossa mesa. Alguns colegas narraram exemplos de homens “não-cordiais” e dos problemas que esses enfrentam por não terem esta característica de brasilidade. Afinal, somos cordiais ou não? Cordiais com quem? Para quem? Refletimos bem a distinção entre tal conceito e outros tidos como similares, tais como: educação, gentileza, simpatia, hospitalidade.

A turma estava animada à passagem de uma nova abordagem teórica: *O povo brasileiro*, do antropólogo Darcy Ribeiro. Ao iniciarmos o mergulho na obra de Darcy, intensificaram-se as comparações entre as idéias propostas pelos três autores.

Em relação a mim, amiga cultura brasileira, confesso que a leitura de Darcy foi a mais prazerosa. Enquanto a obra de Freyre às vezes parecia me assustar com suas passagens de conservadorismo, e a de Buarque parecia me sufocar com seus rompantes de negativismo; Darcy me fez retornar às viagens sonhadoras pelas grandes casas brasileiras, as grandes usinas, o cheiro do pó e da rua, o calor sobre as peles sem blusa do povo e sob as os casacos de pele dos burgueses.

Povos indígenas em disputa por melhores nichos ecológicos, uma miríade de povos tribais - Fora assim o início? Bem, parece impossível reconstituir a história do Brasil, pois só temos o depoimento de um dos protagonistas, o invasor. Segundo Darcy, havia uma meta européia em unir todos os povos numa só cristandade, e apesar de todas as formas de invasão européia, não se pode falar de uma passividade indígena, pois os índios jamais estabeleceram uma paz estável com o invasor (RIBEIRO 1996, pp. 29-30).

Tais informações ouriçavam o grupo inteiro. Em pouco tempo estávamos todos atrás de identificá-la, oh minha amiga, espremendo-a em cada uma das palavras de Darcy. *Temos que ir devagar com este livro!* – solicitava Bernadete. E

ela concordou, marcou um encontro para a discussão de cada capítulo, onde a polêmica se instaurou em um dos primeiros que tratava da gestação étnica brasileira.

Olha cara amiga não se canse, pois não podes imaginar o que primeiro apareceu nesta discussão. *O quê? O quê?* – deves estar curiosa. Pois, acomode-se para escutar que eu contarei tudo o que continuamos falando em busca dos seus significados:

Cunhadismo. Isto mesmo, este termo gerou balbúrdia e risos, bem como sérias associações com nossa vida cotidiana. Surpreendemo-nos com a sugestão de Darcy, de que foi com a intenção de barrar este sistema que a coroa portuguesa estabeleceu o regime de donatarias. Também nos estendemos desta polêmica às três pragas dos homem branco, as quais Edite localizou muito bem no texto, fazendo substanciosos comentários. Tratavam-se estas das pestes, das guerras e da escravidão. Alguns fortes depoimentos no texto nos chocavam, tais como:

Para os colonos os índios eram um gado humano, cuja natureza, mais próxima de bicho que de gente, só os recomendava à escravidão... nós somos tão opostos as branquitudes e civilidades, tão interiorizadamente deseuropéus como desíndios e desafios... realizamos a construção fictícia da acetitação do outro, para que possamos assim parecer com alguma categoria de gente digna (RIBEIRO 1996, pp 53, 70, 90).

Ao mergulharmos nestes muitos brasis buscávamos ver nação, raça e classe da perspectiva do Brasil. Tal tarefa complexa recebeu a proposta de Gilberto para um encontro em sua casa. Planejamos algumas vezes, mas terminamos por não fazê-lo. A essas alturas, já era possível ver em Francinete o desespero. *Já estou conformada em não entender* – dizia ela, e nós ríamos por saber que, talvez, ela fosse quem mais entendesse ao expor suas limitações. Eliane, que neste período já se encontrava mais falante, dava valiosas colaborações ao nos levar a pensar como esses processos sociais aconteceram na dimensão molecular de cada indivíduo. Eu também me tornara mais presente nesta terceira fase de nossos encontros, sempre trazendo a discussão para a associação com outras possibilidades teóricas.

As pessoas que passearam pela disciplina, entrando em um ou dois encontros e sumindo depois, já não estavam mais presentes. Nosso grupo de cerca de dez pessoas estava bem definido e, diga-se de passagem, bem afinado. A intimidade de nossas relações agora era um elemento a mais na grandiosidade que a disciplina tomava. No redondo da mesa eu voltava a viajar e pensar na imensidão do espaço e de nossas vidas ... *o mundo não começa no meu coração* (PIÑON, 1996, p. 29).

Minha aventura ultrapassava muito o meu interesse mais imediato pela cultura e subjetividade dos povos do mar, tema da minha pesquisa de mestrado. Ela ia até o mar. O oceano de mistério, de construção, de descontinuidade. Neste horizonte eu me via amparado por meu desejo. O desejo de aprender, de escrever, de ensinar. Por vezes a grandiosidade deste desejo me sufocou, então lembrava *que para ser feliz havia de se olhar o mundo como um bolo, com vários andares* (idem, p. 17). Conhecer-se é tão profundo quanto conhecer o mundo e o outro, isso todos nós aprendíamos a cada encontro.

E você minha amiga? Que rumo tomou? Imaginas, ou não? Bem, não fique irrequieta que esta carta ainda não acabou.

Ao aprofundamento da obra de Darcy, decidimos nos dedicar um dia por completo, assim, pela manhã, Bernadete fez algumas considerações e discussões das matrizes de pensamento do autor. Neste período, minha amiga, você não imagina quantos conceitos e projetos de conceitos havia sobre você. Brasis, brasis, brasis... do passado, do presente e do futuro ou melhor, dos passados, dos presentes e dos futuros. Dos muitos nordestes, de Sumé³ a Fortaleza; da Aldeota aos Inhamuns; dos muitos pólos de exploração do trabalho humano; dos muitos povos guerreiros na luta cotidiana pela sobrevivência.

A este ponto, amiga cultura, você pode imaginar as aflições de nossa amiga Francinete em meio a tal polifonia - *ao menos de uma coisa eu sei, não existe raça pura, todo mundo é miscigenado nesse país* - dizia ela.

E foi exatamente sobre isso que falamos à tarde, cada integrante do grupo apresentou características gerais de um dos grupos étnicos na obra de Darcy. Muitas conversas continuaram a

permear este espaço e demos por findada a discussão do livro, pois, embora soubéssemos que ela não tinha limites, precisávamos parar.

Uma novidade agitou nosso grupo, o aniversário de Bernadete. Ela promoveria uma recepção para os amigos e disse que felizmente não havia ninguém naquela turma cuja presença fosse indesejável na sua festa e, então, convidou a todos. Marquei de ir com Francinete, mas ela não pode ir no dia, havia viajado. Liguei para Eliane, mas esta não demonstrou disposição para ir de ônibus. Então fiquei pensativo sobre ir ou não e às 19h decidi, *sim - eu vou!* Este desejo invadiu de súbito meu coração, queria encontrar a turma e ver Bernadete, elegante, recebendo seus convidados. *Então me lembrei: cadê o presente?* Meti-me no shopping, perdi uma hora e praticamente nada vi. Não queria levar nada funcional, pois pensava: *ela já deve ter tudo, o que posso lhe dar?* Então decidi ir sem presente, seria melhor. Na porta do shopping vi, em uma loja, um boneco esquisito e pensei: *é diferente!* Comprei-o e parti em disparada para a parada do ônibus. Não tardando, ele chegou. Entrei, acomodei-me. A viagem seria um pouco longa. Foi então que lembrei que não sabia o endereço direito e desembulhei o papel que estava em meu bolso com as indicações. A rua situava-se praticamente ao lado de uma casa em que eu morara há alguns anos. Isto me deixou um pouco confuso, até que um freio do ônibus me sacudiu. *Que calor!* - pensei. Então de súbito, abri a janela. O vento em meu rosto me recordava aquele lugar que eu não visitava há tanto tempo. O ônibus quase não parava e o mundo passava sorrateiro por minha janela. *E se tiver cachorro?* - pensei sobre a chegada na casa, nunca gostei de cães. *Se ninguém da turma estiver lá e eu me sentir um peixe fora d'água?* - voltei a me interrogar. Então na descida do viaduto aprontei-me para descer. O motorista perguntou se eu gostaria de descer na esquina da avenida de acesso e eu, tímido, balancei a cabeça afirmativamente. Fiquei extasiado com tamanha gentileza, mas não questionei, descí. Percorrendo a avenida a pé eu reconhecia as árvores e seu doce balançar. A avenida ficava mais silenciosa a cada passo que dava me afastando do ponto de descida. *Há muita cultura brasileira em todo este percurso* - eu pensava lembrando do ônibus, do motorista, das pessoas,

³ Cidade de nascimento da Professora Bernadete Beserra, (muitas vezes citada por ela durante nossas discussões), localizada no Cariri Paraibano. Sertão da Paraíba.

das árvores. Enfim, estava defronte ao número indicado. Tratava-se de um muro enorme com duas casas e uma ampla área de campo livre. Quando quis colocar a cabeça para dentro do portão, que se encontrava aberto, um cão latiu. *Eu sabia que tinha cachorro* – pensei. Como o barulho partiu da casa da esquerda, então fui para a da direita, por sorte era a correta. Lá encontrei a turma e alguns outros convidados, estavam Geni, Gilberto, Selene, Gorete e alguns outros. Entreguei o presente a Bernadete e pus-me a dançar, puxado pelo braço de Geni. As danças que Gilberto havia prometido à aniversariante também foram pagas neste dia. Este encontro nos colocava em contato com o outro a quem discutíamos horas em uma sala, nos fazia viver um pouco o entrelaçamento entre nossas próprias “culturas”. Antes da meia noite, Geni me ofereceu carona e voltamos. No caminho ela me contou um pouco sobre sua vida e senti uma sinergia entre nossos pensamentos. Meia hora depois, estava em casa.

E você cara amiga, pensa que neste evento esteve só nas entrelinhas? Não! Depois tudo foi discutido em sala. Quando? Ora! No último encontro. Nele, nos propusemos a rediscutir as questões de nação, raça e classe levantadas nos primeiros dias. E, afinal, o que definimos por Cultura Brasileira?

Bem, lamento dizer que não chegamos a tal ousadia. Vimos o que seria possível pensar sobre a multiplicidade de caminhos que têm as culturas brasileiras e os Brasis. Também não é possível dizer o que todos saíram pensando a seu respeito, não posso lhe garantir nada, mas acho que falar sobre você gerou em nós uma boa impressão de estarmos mais próximos dos signos geográficos, culturais, psicossociais e educativos que nos cercam. O que posso lhe afirmar, segundo o depoimento dos próprios sujeitos nessa ocasião é que Francinete saiu menos horrorizada do que entrou. Depois de participar do seminário a respeito da Filosofia de Gilles Deleuze⁴, ela se demonstrava mais aberta a lidar com o caos. Edite, se declarou satisfeita por ter lido e discutido obras tão importantes, fato que não aconteceria sem o grupo. Muitos disseram que iriam

aproveitar o tempo pós-disciplina para terminar as leituras atrasadas e eu, bem, eu estava muito feliz por ter passado por aquele ciclo de amadurecimento com uma professora e um grupo de alunos tão especiais. Sentia que nas entrelinhas (e para além delas) aqueles momentos me seriam muito úteis na minha abordagem da pesquisa de campo. Foi então que....

Sim, foi então que Bernadete solicitou que registrássemos estes acontecimentos endereçando-os à alguém. Achei que não haveria ninguém melhor para receber esses dados do que o próprio sujeito sobre quem se fala, então resolvi escrever para você, mas isto é uma grande responsabilidade. Desde o início do semestre eu já ensaiava o escrito desta carta, mas pensava: *como posso fazê-lo se não conheço tudo o que gostaria de conhecer para falar destas coisas com plena propriedade?* Foi então que mais uma vez recorri a literatura, onde encontrei a seguinte sugestão de Clarice: *Entregue-se como eu me entreguei, mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei* (LISPECTOR, 1999). Desta forma, resolvi aceitar o convite a agora lhe escrevo, mergulho no universo polifônico da cultura, senão para entendê-la, ao menos para buscá-la... e para perdê-la...

Espero suas respostas ó cara amiga!

Como?

Através das pessoas e dos locais, do espaço e suas subjetividades, de mim e do outro. Então, ficamos de encontro marcado aqui...

... na vida!

Referências Bibliográficas

- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- PIÑON, Nélida. *A roda do vento*. São Paulo: Ática, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

⁴ Refiro-me ao Seminário: A imanência no pensar de Gilles Deleuze. Prof. Sylvio Gadelha - Faced, UFCufc, 2004.